

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia pela COVID-19 no ensino, pesquisa e extensão"



IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DE MULHERES VIVENDO COM HIV/AIDS: REVISÃO DE LITERATURA

Rafael da Silva Pereira¹, Ana Beatriz Alves de Oliveira², Emanuely Vieira Pereira³

Resumo: Objetivou-se identificar, conforme a literatura científica, impactos na saúde mental de mulheres que vivem com o diagnóstico de HIV/Aids. Trata-se de revisão narrativa da literatura realizado no período de setembro de 2019 a novembro de 2019. A pesquisa foi realizada nas bases de dados MEDLINE, LILACS, BDNF, na biblioteca ScIELO e no google acadêmico. Após aplicação dos filtros e critérios de inclusão e exclusão, obteve-se amostra de nove documentos. Os dados foram analisados de modo interpretativo-descritivo e discutidos com a literatura. A soropositividade desencadeia diversas alterações clínicas, podendo levar a incidência de distúrbios mentais, provocado por sentimentos de inferioridade e desvalorização, podendo ter sua autoestima prejudicada, ansiedade, solidão, depressão, ausência de vontade de viver. Conclui-se que as mulheres vivendo com HIV/AIDS vivenciam alterações emocionais e psicológicas que podem afetar relações interpessoais e rotina de vida.

Palavras-chave: Mulheres. Infecções por HIV. Síndrome de imunodeficiência adquirida. Emoções. Psicologia em Saúde.

1. Introdução

Os primeiros casos de infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) foram descobertos e registrados entre 1977 a 1978 nos Estados Unidos, Haiti e África, e somente 1982 houve a classificação enquanto síndrome. No Brasil as

1 Acadêmico do 10º semestre de enfermagem da Universidade Regional do Cariri – URCA, Unidade Descentralizada de Iguatu – UDI. Membro do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão (GPESGDI). Bolsista remunerado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: raffael.silva@urca.br

2 Acadêmica do 8º semestre de enfermagem da Universidade Regional do Cariri – URCA, Unidade Descentralizada de Iguatu – UDI; e-mail: alvesanabeatriz322@gmail.com

3 Enfermeira, Mestre em Enfermagem. Integrante do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão (GPESGDI/CNPq). Membro da Liga de Doenças Infecciosas e Parasitárias (LADIP-URCA). Coordenadora dos projetos de extensão: Sexualidade, função, práticas e posições sexuais na gestação de risco habitual e Prevenção de Violência obstétrica no parto institucionalizado – PROEX e dos Projetos de Iniciação Científica: Violência obstétrica durante o trabalho de parto e parto institucionalizado e História oral de mulheres que vivem com *Human Immunodeficiency Virus* - PIBIC/URCA. Universidade Regional do Cariri (URCA). e-mail: emanuely.pereira@urca.br

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: “Os impactos e desafios da pandemia pela COVID-19 no ensino, pesquisa e extensão”



primeiras notificações de casos ocorreram na década de 1980, em São Paulo, sendo inicialmente registrados, predominantemente, entre gays adultos, usuários de drogas injetáveis e hemofílicos (DURO, 2016).

Quando se analisa a ocorrência por regiões, evidenciaram-se mudança ao longo dos anos do perfil dos soropositivos relacionados aos processos de heterossexualização, feminização, interiorização e pauperização da epidemia. Em decorrência do processo de heterossexualização, há um aumento significativo dos casos de HIV/Aids entre mulheres. A relação que existe entre a feminização do HIV/Aids mantém relação com desigualdades de gênero, uma vez que à medida que as mulheres vivenciam situações de relações de poder e desigualdade de gênero, encontram-se em situação de maior risco e vulnerabilidade quanto à contaminação pelo vírus HIV, o que pode ser evidenciado na dificuldade de negociação do uso do preservativo com o parceiro, por exemplo (ANDRADE; CRUZ, 2017).

Diante do aumento da epidemia no Brasil e no mundo, na perspectiva de cuidado para além da dimensão biológica, faz-se necessário análise de aspectos subjetivos envolvidos na descoberta de soropositividade de modo a refletir sobre os impactos na vida cotidiana de mulheres no âmbito biopsicossocial.

2. Objetivo

Objetivou-se identificar, conforme a literatura científica, impactos na saúde mental de mulheres que vivem com o diagnóstico de HIV/Aids.

3. Metodologia

Trata-se de revisão narrativa da literatura. Esse tipo de revisão possui um caráter amplo e se propõe a descrever e discutir o desenvolvimento ou o “estado da arte” de determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou conceitual. São textos que constituem análise mediante a interpretação da literatura científica existente. Essa síntese de conhecimento a partir da descrição de temas abrangentes favorece a identificação de lacunas de conhecimento para subsidiar a realização de novas pesquisas. As revisões narrativas podem contribuir no debate de determinadas temáticas, suscitando questões e colaborando na aquisição e atualização do conhecimento em curto espaço de tempo (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014).

O processo de coleta de dados para a construção do estudo ocorreu de setembro de 2019 a novembro de 2019. Foram pesquisadas nas principais bases de dados, *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de dados em Enfermagem (BDENF), na biblioteca *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e também no google acadêmico, utilizados como descritores: Mulheres; Infecções por HIV; Síndrome de imunodeficiência adquirida; Emoções; Psicologia em Saúde cruzados por meio do operador *booleano AND*. Utilizou-se como filtros: 1- idioma- (português, inglês, espanhol), 2- recorte temporal de 2015 a 2019, 3- Texto completo disponível

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: “Os impactos e desafios da pandemia pela COVID-19 no ensino, pesquisa e extensão”



para *download*. Utilizou-se como critério de inclusão: estudos que abordassem temáticas relacionadas a saúde mental de mulheres que vivem com HIV/Aids e como critério de exclusão: documentos repetidos e não condizentes com o objetivo deste estudo. Após a aplicação dos critérios foram selecionados nove documentos para leitura na íntegra e construção da pesquisa. Os dados foram analisados de modo interpretativo-descritivo e discutidos com literatura.

Os dados foram analisados de modo interpretativo-descritivo e discutidos com a literatura.

4. Resultados

Quando foram diagnosticados os primeiros casos de HIV no país há mais de trinta anos, o prognóstico era considerado letal. Atualmente com a adesão dos medicamentos antirretrovirais e o tratamento adequado tem-se melhor sobrevida e possibilidade de adaptações na vida cotidiana (BRASIL, 2017).

Porém, mesmo com o aumento da sobrevida. O diagnóstico ainda compromete a saúde física, mental, bem-estar e a qualidade de vida. As mulheres ao enfrentarem esta doença podem ser tratadas de forma estigmatizante, sofrendo ruptura nas relações afetivas, sociais e sexuais, tornando-se mais susceptíveis ao comprometimento da qualidade de vida, que envolve todos os aspectos biopsicossociais (TEIXEIRA; MENDES; BORBA *et al.*, 2015).

A soropositividade desencadeia diversas alterações clínicas, podendo levar a incidência de distúrbios mentais, provocado por sentimentos de inferioridade e desvalorização, o que ocorre também devido a estereótipos negativos e rótulos discriminatórios e preconceituosos. As pessoas vivendo com HIV/Aids podem ter sua autoestima prejudicada por ansiedade, solidão, depressão, ausência de vontade de viver, baixa autoestima e isolamento social e além, dos limites impostos pela doença, como ruptura de laços afetivos, discriminação, projetos de vida fragilizados e mudanças de hábitos (PATRÍCIO; SILVA; FERREIRA *et al.*, 2019).

Tendo em vista que junto com diagnóstico da soropositividade ocorrem alterações biopsicossociais. É dever dos profissionais da saúde ficarem atentos, para as diversas fases do ciclo vital das mulheres. Tendo por exemplo à adolescência que representa uma fase da vida marcada por transformações nos campos físico, emocional e social. Carregar consigo uma doença incurável, torna o estado emocional desses adolescentes abalados, por medo de sofrerem exclusão perante a sociedade, tornando-se adultas vulneráveis (GUIMARÃES; PINHEIRO; CUNHA *et al.*, 2016).

Quando adultas a maioria demonstra medo de revelar o diagnóstico, tornando-se mais suscetíveis a desenvolvem pensamento negativos, o que pode ocasionar depressão. Quando essas mulheres são diagnosticadas durante a gestação na consulta de pré-natal, surgem sentimentos aterrorizantes como angústia, solidão e tendo que lidar com sentimentos de remorso, tristeza e medo de que o bebê se contamine (HERNANDES; ROCHA; HAUSMANN *et al.*, 2019; TEIXEIRA; PAIVA; COUTO *et al.*, 2017).

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia pela COVID-19 no ensino, pesquisa e extensão"



Já na terceira idade a maioria das mulheres que envelhecem com o HIV/Aids, mantêm resultado em sigilo, e o principal motivo que leva essa informação a permanecer privada é o medo de atitudes preconceituosas e discriminatórias, que se apresentam de forma oculta ou declarada (ARALDI; PELZER; ABREU *et al.*, 2016).

5. Conclusão

Evidenciaram-se nas mulheres que vivem com HIV/AIDS alterações psicoemocionais que afetam a saúde mental e as relações interpessoais, por vezes desencadeadas por medo ou ocorrência de ações discriminatórias e preconceituosas, preocupação com a higidez e contaminação fetal.

Há necessidade de debater sobre essa condição clínica (HIV/AIDS) de modo a transpor a dimensão biológica, com vistas a promover a compreensão e a ruptura do preconceito existente e dos diversos sentidos atribuídos a infecção de modo a promover a autoestima, discutir ideologia de gênero, conceitos culturais, risco e vulnerabilidade e o exercício da cidadania. Também se faz necessária à realização de estudos vindouros acerca da saúde mental de mulheres que vivem com HIV/Aids.

6. Referências

ANDRADE, R. F. N; CRUZ, M. H. S. Gênero e HIV: considerações sobre a feminização da Aids. In: 19ª Semana de Pesquisa da Universidade Tiradentes. "Matemática para o desenvolvimento da Ciência", 19., 2017, Sergipe. **Anais**[...], Sergipe: UNIT, 2017. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/sempeq/article/view/7759/3263>.

ARALDI, L. M; PELZER, M. T; ABREU, D. P. G. *et al.* Pessoas idosas com o vírus da imunodeficiência humana: infecção, diagnóstico e convivência. **REME rev. min. enferm.**, v. 20, n. 948, p. 1-8, 2016. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1081>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Cuidado integral às pessoas que vivem com HIV pela Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 58p. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidado_integral_hiv_manual_multiprofissional.pdf.

DURO, M. C. VIH/Sida, Breve história de uma nova/velha infecção. **Acta Farmacêutica Portuguesa**, v. 5, n. 1, p. 24-35, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312056096_VIHSida_Breve_historia_de_uma_novave_lha_infecao_HIVAIDS_A_Brief_History_of_a_newold_infection.

GUIMARÃES, P. R; PINHEIRO, A. C. C. M; CUNHA, C. F. *et al.* Experiências com grupo de adolescentes vivendo com HIV/Aids em um centro de referência.

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia pela COVID-19 no ensino, pesquisa e extensão"



Rev. méd. Minas Gerais, v. 26, n. 8, p. 180-184, 2016. Disponível em:
<http://rmmg.org/artigo/detalhes/2145>.

HERNANDES, C. P.; ROCHA, R. K; HAUSMANN, A. *et al.* Análise qualitativa dos sentimentos e conhecimentos acerca da gestação e do HIV em gestantes soropositivas e soronegativas. **J. Health Biol. Sci. (Online)**, v. 7, n. 1, p. 32-40, 2019. Disponível em:
<https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/2211/801>.

PATRÍCIO, A. C. F. D. A; SILVA, I. B. N; FERREIRA, M. A. M. *et al.* Depressão, autoestima, expectativas futura e esperança de vida de pessoas com HIV. **Rev. bras. enferm.**, v. 72, n. 5, p. 1354-1360, 2019. Disponível em:
https://www.scielo.br/pdf/reben/v72n5/pt_0034-7167-reben-72-05-1288.pdf.

TEIXEIRA, M. A; PAIVA, M. S; COUTO, P. L. S. *et al.* Sentimentos de mulheres soropositivas acerca da não amamentação. **Rev. baiana enferm.**, v. 31, n. 3, p. 1-9, 2017. Disponível em:
http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502017000300315.

TEIXEIRA, M; MENDES, M. T; BORBA, K. P. *et al.* Avaliação da qualidade de vida de mulheres vivendo com HIV. **Rev. enferm. UFSM**, v. 5, n. 2, p. 360-367, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/15277/pdf>.

VOSGERAU, D. S. A. R; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014. Disponível em:
<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article%20view/2317>.